EMPRESÁRIOS 50+

WILLEKE VAN STAALDUINEN

Q Willeke, como sabes, considero a tua vida profissional muito interessante por teres feito tantas coisas diferentes e porque após muitos anos decidiste abrir a tua própria empresa.

Gostaria de te perguntar se nos poderias guiar ao longo da tua vida profissional, para nos ajudar a entender o que torna alguém um bom empresário e, assim, inspirar outras pessoas a também seguirem os seus sonhos.

Bem, eu nasci no oeste dos Países Baixos, sou filha de um agricultor e a minha mãe é de uma família protestante, muito severa. O meu avô nunca permitiu que ela fosse à escola, ela só fez o ensino primário e definitivamente queria aprender mais, mas aos doze anos ela começou a trabalhar na quinta.

O meu pai teve uma experiência oposta, os meus avós incentivaram-no a fazer o ensino médio ou a universidade, mas ele recusou, queria ser agricultor como os seus pais. Eles também eram protestantes, mas mais liberais. E estes dois opostos criaram-me.

Q Isso é muito interessante. Tenho a certeza de que isso moldou muitas das tuas escolhas futuras.

Certamente que sim, porque quando és agricultor, estás muito focado em como está o tempo, as coisas vêm como elas vêm e temos que as aceitar. Além disso, acho que a coisa mais determinante que recebi dos meus pais foi que se deve ser curioso, educado e modesto.

Q E sentes que ainda vives de acordo com isso?

Sim, porque se eu tiver sucesso, por exemplo, se eu ganhar um projeto, penso "Muitos outros têm o mesmo". Então, eu tendo a minimizar o meu próprio papel nisso e essa ainda é minha maneira de pensar. O meu marido Theo sempre me disse: "relaxa, aproveita o teu sucesso", mas eu não consigo.

Q Mas devias.

Eu sei, mas isto vem do meu passado. Quando eu chegava a casa da escola e dizia à minha mãe: "Tirei um A nos exames", ela perguntava "Quantos outros tiraram A's?", Vês? Temos que ser modestos (risos). E isto caracteriza a minha vida toda.

Bem, quando eu tinha quase quatro anos, nós mudamos-mos para o norte dos Países Baixos (leste de Groningen) e esta era uma sociedade muito segregada entre agricultores e trabalhadores. Como filha de camponesa, não era aceite conviver com pessoas das classes operárias. Não por causa dos meus pais, mas por causa dos meus colegas, dos meus amigos, etc. Os meus amigos, todos eles casaram com filhos de agricultores, porque isso era comum.

Q Bem, desde então já foi um longo caminho, na sociedade em geral, mas ainda consegues reconhecer estas questões com a segregação e as desigualdades de género ou consideras que já existem grandes diferenças?

Não tenho a certeza, talvez fosse mais sensível na época, mas mesmo agora, quando vejo as festas de aniversário que os meus pais deram, os homens estavam sentados de um lado e as mulheres do outro. Há alguns anos atrás, na festa de aniversário da minha mãe, ainda só eram convidadas mulheres...

Naquela época, eu realmente opunha-me a isso e foi por isso que, quando fiz o meu exame na escola secundária, decidi afastar-me de Groningen. Os meus pais concordaram, no entanto insistiram que eu devia fazer um curso educacional a sério.

Encontrei uma boa solução na área da saúde mental, porque me ofereceram a possibilidade de aprender a ser enfermeira e ao mesmo tempo trabalhar logo no hospital, para que pudesse ganhar o meu próprio dinheiro.

Q Essa foi uma ótima solução, de facto! E gostaste?

Sim e não. Eu gostava de trabalhar com pessoas, mas não gostava de trabalhar por turnos. Não consigo lidar muito bem com essas irregularidades. Lembro-me que numa determinada altura já estava com funções de gestora, mas depois disse "não, fiquei entediada". Concluí que devia parar este trabalho.

Os meus melhores amigos sempre disseram que eu tomo decisões da noite para o dia; isto é, acordo de manhã e concluo "tenho que mudar". Então decidi largar o meu emprego, largar a minha casa e mudei-me para Leiden, aqui no oeste dos Países Baixos, para estudar.

Q E o que estudaste?

Ciências Políticas. O que foi uma grande mudança... Mas tem muitos pontos em comum. Na saúde mental tudo girava em torno de "quem tem a chave que abre a porta para eu sair?", E nas ciências políticas é sempre "quem está em jogo? Quem tem poder de decidir salários, liberdade, tudo? ". Na verdade, é bastante semelhante.

Q Porque para ti foi uma forma de fazer a diferença novamente no mundo, mas numa perspetiva diferente, acho eu. E como foi? Era o que esperavas?

Eu adorei o curso e primeiro fi-lo em tempo integral e depois decidi fazer part-time, mas formei-me em 6 anos. Isso era normal naquela época.

Q E estavas a trabalhar ao mesmo tempo? Ainda com saúde mental?

Sim, num instituto de saúde mental. No final dos meus estudos, consegui um emprego na secretaria do departamento de ciências políticas, que gostei muito. A minha velocidade a digitar ainda permanece! (risos). Também aprendi a conhecer bem um professor do departamento de ciências políticas (Joop van den Berg) que ainda é um bom amigo e um dos meus maiores apoiantes na minha vida. Para se tornar um empreendedor, é necessário ter apoiantes.

Trabalhei na secretaria, estudei e candidatei-me a vários empregos. Era início dos anos 80, não sei se era igual em Portugal, mas naquela altura a taxa de desemprego era enorme. Eu tinha trinta anos quando me formei e a maioria dos empregadores queria alguém com 22 anos de idade e 10 anos de experiência.

Mesmo assim, não queria continuar com aquele cargo, então saí e consegui empregos noutras secretarias, sendo um deles no gabinete da Rainha.

Q Bom, isso é muito glamoroso, algo para ser exibido em revistas...

Isso foi muito bom. Só trabalhei lá durante um mês, mas foi o suficiente. Eu pensei "não, este trabalho não é para mim." Foi engraçado durante um tempo, mas era uma organização muito arcaica.

Q Talvez isso tenha influenciado o desejo em seres a tua própria chefe?

De facto! Mas naquela época Joop van den Berg foi escolhido como membro da primeira Câmara do Parlamento, e ele pediu-me para ser a sua assistente pessoal em Política Nacional e Assuntos Internos, para preparar os contributos que ele tinha que fazer no Parlamento. E isso era para mim a próxima fase.

Eu fiz principalmente a investigação de fundo. Somos de partidos diferentes, então eu sinalizava sempre quando achava que tínhamos opiniões diferentes. Entendíamo-nos muito bem, nunca tivemos problemas. Saí em 1996, quando ele foi nomeado diretor da organização de municípios dos Países Baixos.

Depois, encontrei um emprego na área das políticas públicas no município de Alphen aan den Rijn, onde estive no departamento de estratégia a realizar investigação com a população. Trabalhei lá durante 5 meses e de repente recebi um telefonema do meu partido político para trabalhar na segunda câmara (podemos comparar com a casa dos comuns) e eles estavam à procura de alguém com bons conhecimentos na área da saúde. Mas naquele momento eu disse "Não".

Q. Porquê???

Eu estava muito ocupada com o meu trabalho, não podia simplesmente sair. Isso foi o que eu lhes disse.

Q. Porque decidiste isso?

Porque me sentia leal ao lugar onde trabalhava. Mas a história continua. Nessa altura, eu era secretária de uma organização de cientistas políticos na prática, era isso que chamávamos à organização e o presidente era da segunda câmara, também do meu partido político e quando recusei, um dia depois ele ligou-me e disse: "Willeke, ouvi dizer que não querias concorrer a esta vaga, mas és muito boa, devias fazê-lo.". Então, eu decidi reconsiderar e inscrevi-me.

No entanto, entretanto, já tinham anunciado a vaga nos jornais e recebido respostas de uma centena de pessoas. Mas ainda assim fui selecionada. Então, comecei no Parlamento holandês, como consultora política sobre políticas de saúde para os democratas liberais (D66 é o nome do partido).

Q. E o que fazias lá?

Tinha também que preparar as reuniões, fazer propostas de políticas de saúde, por exemplo, fizemos a nova proposta da eutanásia, que foi aprovada muitos anos depois. Além disso, eu tinha que manter a rede de contactos. Uma coisa muito importante na política é "quem fala com quem".

Na política, não fazes amigos. Nunca confias em ninguém, essa é a regra. Quando abordo situações agora, penso logo com os meus botões "com quem tenho de me envolver, quem é importante aqui", para poder decidir em que direção ir ou escrever as coisas de uma forma que sei que serão aceites.

Q. Isso é algo que se faz em muitas ocasiões, certo? Impulsionar o que achamos que é certo, mas temos que ter em consideração muitas outras coisas que sabemos que serão críticas para que isso seja aceite?

Sim, é verdade. Ainda tenho essa antena que liga assim que trabalho com pessoas de qualquer nível governamental. Mas gostei de trabalhar no Parlamento e uma das coisas mais agradáveis, foi tão engraçado, é que todos são iguais a trabalhar no Parlamento holandês – só não se podem sentar nas cadeiras erradas (deputados) em reuniões (risos).

No entanto, depois de quase 4 anos, decidi sair e candidatar-me a outro emprego.

Q. Nunca passas muito tempo no mesmo trabalho, certo? Gostas de mudar e encontrar coisas novas. Ou achas que é a vida que te empurra até lá?

Eu acho que é um fator de puxar e empurrar. De repente, acho que já está na altura e vou-me embora. Naquela época, parti para o conselho holandês de instituições de saúde, que era uma agência governamental que aprova a construção de hospitais, unidades residenciais, lares, instituições de saúde mental e para deficientes físicos. E eu queria trabalhar no desenvolvimento de uma vida independente, em transformar os cuidados de saúde e os cuidados de longa duração também em pequena escala, e gostei muito.

Q. E estavas a realizar especificamente que tarefas?

Eu estava a realizar investigação, entrevistas e estudei as instituições de saúde locais. Também preparei as novas regras executivas para pedidos de financiamento a esta agência governamental. Este trabalho foi muito diferente.

Lembro-me que, quando trabalhei no Parlamento, se eu ligasse para alguém, por exemplo para o Presidente da Câmara, imediatamente falava com o próprio ao telefone. Na nova organização, tive que passar por uma grande hierarquia para ter qualquer decisão em movimento...

Demorei algum tempo até aprender a lidar com isso. Principalmente porque não tinham acesso à internet no início e eu só pensava "Meu Deus, o que é que eu fiz?". Depois de algum tempo pedi para me mudarem de funções e trabalhei durante 2 anos como chefe do departamento de comunicação. Mas descobri que não era muito boa nisso.

A sério? Não gostaste?

Gostei, mas esquecia-me sempre que deveria fazer algo para gerar novidade. Eu perdia muito tempo a trabalhar no conteúdo (risos!).

Fiz isso por 2 anos e nesse intervalo este Conselho foi absorvido por uma organização chamada TNO. O Conselho era uma organização de cem pessoas e eles selecionaram quarenta para ir para o TNO e incluíram-me. Foi um ano horrível, com muitos conflitos e pessoas a perder os seus empregos.

Em termos de emprego, eu senti-me perdida no primeiro ano por trabalhar numa grande organização como a TNO com - naquela época - mais de 5.000 funcionários, como costuma acontecer com estas fusões. Trabalhei lá durante 6 anos e houve 4 reestruturações da organização, das quais 2 afetaram diretamente o meu departamento. Fui designada para projetos de que gostei muito, mas tinha muita pressão... Durante a reestruturação final do departamento eu já não estava tão envolvida na organização interna da TNO, então pensei "se eles não me querem despedir, então despeço-me eu". Mas eles decidiram primeiro, então... Eu fiquei muito feliz!

E na hora que saíste, já tinhas um plano ou estava completamente perdida?

Eu disse a mim mesma, que se eles não me despedissem, eu queria pedir para ser demitida, mas quando eles realmente me despediram, demorou 2 meses a superar a sensação de ter sido despedida. Mas certamente que não queria voltar. Fui oficialmente demitida em abril, mas em dezembro do ano anterior já tinha iniciado a minha nova empresa: Países Baixos Amigáveis (Age-friendly Netherlands). Eu tinha mais ou menos um plano.

Este plano foi meio repentino ou já o estavas a amadurecer?

Não, eu acho que foi uma coincidência.

Novamente, a vida levou-te até lá?

Sim, algumas pessoas ouviram que eu estava a pensar em sair da TNO e deram-me duas ou três tarefas mesmo antes de eu sair. E antes disso, pensei que poderia criar o meu próprio negócio.

E nunca tinhas pensado nisso antes?

Não. Lembro-me que recebi orientação na TNO para preparar a demissão da empresa e a senhora que estava a tratar disso foi muito insistente para que eu me candidatasse a novas funções, mas eu disse que não. Quando saí da TNO já tinha lidado com 3 gestores em 6 anos e não queria ficar mais numa posição de dependência. Foi isso que me levou a ser a minha própria chefe.

Q Estavas com medo?

Não.

Q A sério? Honestamente? Acho isso muito surpreendente. Nunca pensaste "Se não funcionar o que vou fazer, como vou pagar as minhas contas", nunca tiveste essa sensação?

Não, mas eu estava numa posição muito privilegiada, é claro. Porque o meu marido (Theo) tinha o seu rendimento próprio, a reforma dele. Podia sempre trabalhar como secretária.... Nunca tive medo, não. Claro, precisamos da minha fonte de rendimentos, mas não caímos imediatamente na valeta e também a TNO pagou-me uma compensação justa.

Q Não tiveste medo das consequências, mas ficaste preocupada com o novo emprego? Gerir um negócio também é algo muito diferente, certo? Nunca tiveste receio de nada?

Não, mas também porque nos primeiros 2 anos a trabalhar sozinha, correu tudo muito bem. Como disse, quando saí do TNO já me tinham pedido 2 ou 3 trabalhos. Então, trabalhei nisso e em fevereiro de 2016, houve uma chamada para promotores do EIPonAHA e eu candidatei-me e consegui. Fui designada pelo Município de Haia para a área de age-friendly cities (cidades amigáveis). E em 2017 fundámos a AFEdemy. Mas, em 2018 eu não recebi nenhuma tarefa e pensei "Oh não!" e fiquei com um bocado de medo.

Q Isto acontece muito com start-ups, certo? O pior período é após o segundo ano. Mas para ti foi um vale de morte muito pequeno, porque as coisas funcionaram muito bem depois, não é?

A AFEdemy está bem. Em maio de 2020, comemorámos o nosso terceiro aniversário. A nossa faturação aumentou de 200.000 euros em 2019 para mais de 400.000 em 2020 e as perspetivas são boas. Estamos envolvidos em muitos projetos e ainda é uma alegria trabalhar neles, juntamente com o meu parceiro de negócios e co-fundador e com um grupo externo de trabalhadores.

Q Achas que ser empreendedora foi a melhor coisa que fizeste?

Sim. Correto.
Ainda gosto de ser a minha própria chefe. Mas agora também sou uma empregadora às vezes. Realmente não sei se gosto muito disso, por causa da responsabilidade de supervisionar o trabalho dos outros.

Q O que é que ainda queres fazer na tua própria empresa ou mesmo como pessoa? Qual é o teu sonho agora?

Oh, eu não sei. Às vezes penso se gostaria de me reformar, talvez em cinco ou seis anos, porque o Theo está a envelhecer. Eu estou agora com 59 anos e talvez seja bom aproveitar a vida algum dia...

Para mim, o principal é que, enquanto eu gostar, vou continuar, mas ainda devo ser capaz de seguir os meus sentimentos. Durante a minha carreira, e principalmente quando saí da TNO, aprendi a ser muito intuitiva. Na TNO eu estava muito restringida para me encaixar em papéis que não eram meus, e agora estou a ter os papéis que gosto. Então, enquanto isso continuar e eu gostar, talvez não me reforme... não sei. Vendo o meu ciclo de mudanças a cada cinco anos...

Nessa altura, talvez eu possa transferir a empresa para outras pessoas e isso também é bom, se puderes começar para outras pessoas continuarem. Acho que isso também me deixaria muito orgulhosa.

Q Podemos terminar com uma frase inspiradora ou um conselho para outras pessoas, que ao chegarem aos 50 anos se perguntem se deviam ou não começar seu próprio negócio? O que gostarias de lhes dizer?

Confia nos teus próprios sentimentos. Porque tens cinquenta anos e já tens muita experiência de vida a trabalhar em qualquer área. Trabalhei muito no governo, não totalmente na área comercial e ainda não sou boa em aquisições, mas sou muito sensível em sentir o que é certo ou errado. E se tenho a sensação de que algo não bate certo, então não prossigo. Isso não é só em relação aos negócios, mas também às pessoas.

Se és jovem, o meu conselho é aumentar a rede de contactos. Esse é o melhor conselho que posso dar. Aumenta a tua rede e encontra pessoas que podem apoiar-te. Não do lado financeiro, mas quem te pode aconselhar, quem te pode orientar na direção certa. Isso é o que aconteceu comigo e funcionou bem.

Entrevista por Carina Dantas
Abril 2021